

DISCURSOS DO MINISTRO

Conferência do ministro da Educação, Cristovam Buarque, no Seminário Internacional Universidade XXI

Abertura

«É um prazer abrir o encontro Universidade XXI. Foram muitos meses, senhor vice-presidente [José Alencar] de preparação, de articulação internacional para conseguirmos chegar a este momento. Isso não teria sido possível sem um governo que pretende encontrar novo caminho para o projeto civilizatório e que considera a universidade como centro fundamental da reflexão e da formulação do futuro. Não teria sido possível, também, sem a dedicação dos funcionários e dirigentes da Secretaria de Educação Superior [SESu/MEC], aqui representados pelo secretário Carlos Alberto Antunes. Também não seria possível sem as muitas cooperações internacionais, das quais cito a da Unesco [Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura], na pessoa de Jorge Werthein, e a do Banco Mundial, na pessoa de seu representante no Brasil, Vinot Thomas.

«Podemos, hoje, abrir esse encontro conscientes do que pode sair daqui de importante para a universidade brasileira, para a universidade mundial e para o projeto de civilização. Projeto esse que neste momento encontra-se numa encruzilhada, como também está numa encruzilhada a universidade.

«Este momento é de boas-vindas a todos aqueles que vieram de tão longe, aos ministros que aqui estão. A cada um dos 70 convidados internacionais e a cada um dos 1.200 inscritos. Temos a esperança de extrair daqui um documento, uma formulação para mudar a universidade mundial, que em breve vai completar seu primeiro milênio de existência como instituição. Fizemos o possível para dar a esse encontro as condições necessárias de reflexão e de formulação.

DISCURSOS DO MINISTRO

Inteligência responsável

«Em 1948, o grande físico Julius Robert Oppenheimer [1904-1967] disse uma frase que ficou famosa. Segundo ele, ao criar a bomba atômica, os físicos descobriram o pecado. Não o pecado pessoal de cada um, mas o pecado que cometiam por serem físicos. Por terem utilizado a inteligência da Física para produzir uma arma que ameaça a humanidade inteira. Em 1948, isso causou grande surpresa porque até aquela época a inteligência era automaticamente e intrinsecamente positiva. Não carecia de ética, de responsabilidade porque era dona da lógica. E a lógica, a serviço dos homens, construiria a utopia, que não era diferente de esquerda e direita nos centros políticos e estava presente em todos os teóricos sociais, desde Marx [Karl Marx, 1818-1883] até todos os demais que, do lado da força de direita, viam o avanço técnico como instrumento de construção da utopia sem necessidade de ética. Mas o fato que surgiu com a bomba atômica e com a frase de Oppenheimer foi, pouco a pouco, se espalhando para outras áreas do saber.

«Pouco tempo depois, com a crise ecológica dos anos 70, tivemos outro grande susto e a percepção do pecado pela engenharia, que não apenas fazia casas, mas destruía florestas inteiras; que não apenas produzia energia, mas criava lagos capazes de destruir fundamentais centros de diversidade natural. Os economistas, por sua vez, legitimavam e legitimam o modelo social excludente, sob a ótica de que isso é sinônimo de progresso. Recentemente, a microeletrônica e a biologia também começaram a descobrir o pecado. O pecado de uma ciência que ameaça a própria estabilidade biológica da espécie humana na sua semelhança, em vésperas de realizar uma mutação artificial que fará surgir um grupo de seres super-humanos, enquanto outros serão relegados à condição de subumanos. Isso está em marcha. Não é uma especulação de ficção científica. Não é um livro de terror. A inteligência é, hoje, pecaminosa. Deixou de ser um instrumento da virtude. Passou a carregar, também, o lado do mal. Por trás de todo cientista, estamos nós, os universitários. Se não entendermos isso e se não insistirmos que nosso problema é a falta de compreensão que os governantes e os povos têm de nós, vamos caminhar para uma situação de grande risco. Até porque os físicos, os biólogos, os economistas, os engenheiros, todos os que constroem a maravilha do mundo moderno, que ameaçam, fundamentalmente, a continuação do projeto civilizatório, saem da universidade. Por isso, embora eu tenha posto o título de *inteligência responsável*, este deveria ser *universidade responsável*.

DISCURSOS DO MINISTRO

«Quando surgiu a universidade, bastava ser inteligente, ter conhecimento e, automaticamente, seriam, os universitários, instrumento do bem. Há mil anos, era quase essa a realidade. O saber era o contraponto às forças do obscurantismo na Idade Média. Nós, universitários, surgimos como farol da inteligência para libertar os povos do obscurantismo e das necessidades materiais. Pouco depois, a universidade assumiu também o papel de promotora do avanço técnico. O final do século IX e a primeira metade do século XX foram tempos nos quais a universidade não precisava pedir desculpas, bastavam alguns pequenos ajustes na sua estrutura, saindo das faculdades para os departamentos. Saindo do bacharelismo para a técnica. Fazendo as suas reformas, como as que fizeram os militares em 1968, no Brasil, para que a universidade fosse instrumento do progresso. E o progresso era bom, positivo e quase sem contestações. Discutia-se apenas se a distribuição estava bem ou malfeita.

«Hoje, nosso problema não é a correta distribuição da renda e do progresso. É mais grave. Discute-se, hoje, se o progresso, mesmo distribuindo bem, não está destruindo o meio ambiente. Mais grave ainda, se, em vez de apenas concentrar, estamos tornando os seres humanos dessemelhantes. Por uma desigualdade tão brutal que sai da quantidade para qualidade e muda de desigualdade para dessemelhança. Não podemos deixar de discutir isso e de saber se é verdadeira ou se é falsa a impressão de que a universidade tem uma estrutura perfeita e está agindo perfeitamente, e que o único problema é um pouco mais de recursos.

«Não afirmo que a tese que estou levantando é verdadeira, mas insisto que é um direito ela ser colocada, e que talvez seja verdadeira, e que é um equívoco não querer discutir essa realidade mais profunda da crise universitária. Crise que não é apenas da universidade brasileira. É da universidade no mundo. É da universidade européia, instrumento, hoje, de destruição ambiental. É da universidade norte-americana, que forma cientistas que constroem armas inteligentes. É da universidade dos países ricos, que ignoram o que acontece no continente africano. Essa é a realidade da universidade no mundo. O mundo ficou global para o comércio, mas os universitários só consideram a globalidade do sapato e do tênis que compram e do computador que usam, não dos problemas que estudam. Queríamos a globalidade para ouvir rock, não para sermos solidários com os habitantes da África.

«No caso do Brasil, temos os Estados Unidos e a África aqui dentro. Amassamos uma mistura do que há de mais desenvolvido com o que há de mais atrasado. Nossa universidade reflete de maneira perfeita a

DISCURSOS DO MINISTRO

universidade mundial ao manter até hoje, basicamente, a estrutura criada no regime militar, com assessoria do governo americano, como foi a reforma de 1968. Basicamente, os mesmos cursos, os mesmos compromissos. Fizemos a democratização plena da universidade há quase 20 anos, mas não fomos avante na radical democratização que o povo espera. Isso quer dizer que hoje, nós, universitários, nós, seres humanos, vivemos numa encruzilhada, a encruzilhada do processo civilizatório.

«Vamos caminhar, daqui para a frente, seguindo o rumo dessa modernidade perversa, irresponsável, que usa o saber sem o controle ético, uma modernidade a serviço de poucos? Ou vamos dar um rumo diferente, transformando essa modernidade técnica numa modernidade ética, na qual o saber e a inteligência estejam subordinados a valores e, portanto, essa inteligência se torne responsável? Todos nós defendemos, pelo menos teoricamente, o segundo caminho. Mas agimos para continuar no primeiro. É como se, no coração, fizéssemos uma opção diferente daquela que fazemos na cabeça.

«Por isso somos, nós, universitários, um pouco esquizofrênicos. No coração, somos de esquerda, mas na cabeça, direitistas. Desejamos o melhor para o povo, mas não usamos nossa energia, fortemente, nessa direção. Essa é uma encruzilhada da civilização e também da universidade. E, para mim, o desafio que pretendo ver neste encontro. Queremos pensar a universidade do século XXI, descobrir as responsabilidades na construção de uma inteligência comprometida com o destino do mundo. A primeira das responsabilidades é estética, é com a qualidade. Uma responsabilidade da qual não podemos abrir mão em nenhuma hipótese. Somos o saber superior de uma sociedade. Logo, não podemos deixar que diminua a qualidade do saber que produzimos. Nem mesmo em nome do povo. Até mais: em nome do povo, devemos exigir ainda mais qualidade. Mas essa qualidade se divide em dois grupos:

«A qualidade do saber nas áreas das ciências puras, que não se transformam em instrumento de mudança. A ciência pura — as artes, as letras, a filosofia —, em que basta a qualidade do ineditismo, de produzir um saber que ninguém, ainda, conseguiu pensar antes, e já estamos dando nossa contribuição. Esse lado ético, esse lado do saber nas áreas da ciência pura, das artes, das letras, da filosofia, tem um compromisso com a humanidade inteira e não com um país isoladamente. O Brasil não pode limitar essas áreas às exigências do povo brasileiro, mas às exigências da humanidade. Quando, porém, essas áreas deixam de ser apenas instrumentos puros do deslumbramento da humanidade ao sentir o prazer

DISCURSOS DO MINISTRO

de conhecer a verdade e a beleza; quando, além da verdade e da beleza, elas tratam de manipular a realidade, é preciso que tenham um grau de responsabilidade.

«Nós nos esquecemos de que, na África do Sul, a filosofia formada na universidade legitimou o *apartheid*. Mas que isso, o *apartheid*, como concepção, surgiu menos dos economistas e mais dos filósofos e teólogos, que encontraram justificativa para uma sociedade não apenas desigual, mas dessemelhante entre negros e brancos. Essa filosofia, quando se propõe a construir uma consciência, precisa ser responsável.

«Aí, vêm as outras responsabilidades, além dessa estética com a qualidade. A responsabilidade, eu diria, com os valores éticos. Não podemos continuar acreditando que saber universitário prescinde, ainda, de ética reguladora daquilo que se faz em uma universidade. Não é possível que não percebamos que a autonomia que a universidade deve ter em relação ao Estado não deva permitir uma autonomia em relação a valores éticos fundamentais. Entre esses valores éticos, a universidade deve descobrir, em primeiro lugar, não por ordem de importância, o meio ambiente. Este deve ser um valor permanente em todos os setores da universidade. Nos anos 70, quando surgiu, o problema ecológico visível foi ignorado pela universidade. Um grupo de empresários organizou um clube de reflexão em Roma. Do relatório desse clube saiu a primeira denúncia da crise ecológica. Não saiu da universidade. Deveria ter saído. A universidade tinha todos os profissionais que aqueles empresários reuniram em Roma, mas nada fez. Pior: quando surgiu o problema, a universidade desistiu de adotá-lo. Nos debates daquela época, nos departamentos de Economia, dos quais eu participava, dizia-se que essa história de meio ambiente era uma invenção dos países ricos para manter os demais na pobreza. Como o meio ambiente foi recusado como problema central, a universidade criou um departamento para estudar o problema ambiental. Em vez de tratá-lo como um valor ético responsável, tratou-o como valor do conhecimento, sem responsabilidade. Em vez de colocar o ensino do meio ambiente nos cursos de Engenharia porque lá está o centro do pensamento de transformação da natureza, em vez de ensinar a matéria meio ambiente aos engenheiros, inventou um departamento. Por se recusar a tratar o problema como algo da época, a universidade o aprisionou na caixinha de uma disciplina para continuar dizendo que pensava de forma neutra, mas era capaz de levar o problema para dentro da instituição.

«Sabemos que o meio ambiente deve ser estudado, em suas características, pela Biologia. Mas deve ser estudado também pelos filósofos,

DISCURSOS DO MINISTRO

pelos economistas, pelos engenheiros, por todas as áreas, como um valor, não como conhecimento; como parte da nossa responsabilidade, não como parte da nossa inteligência. Essa é a mudança que a universidade precisa reconhecer. Levar valores éticos para dentro de si.

O segundo valor ético é a semelhança entre seres humanos. Não podemos ser instrumentos, a partir de nossas pesquisas, do caminho da dessemelhança. Não podemos repetir em escala mundial o que a universidade branca sul-africana fez ao longo dos anos 50 e 60 e continuou dando subsídios até o começo dos anos 90, quando chegou ao fim o regime do *apartheid*. Se analisarmos os conteúdos dos cursos, a relação dos programas de residência, o vazio do serviço social, a mente dos nossos estudantes, não podemos ser otimistas diante desse valor ético fundamental. Com o risco da ruptura da semelhança entre seres humanos, criaremos, ao longo dos anos, duas espécies diferentes. Os debates desses dias, semana, mês e ano mostram que já há um sentimento de não-semelhança entre grupos muito pobres e grupos muito ricos. Uns matando jovens e outros querendo matar os assassinos. Por trás disso há um sentimento de dessemelhança recente, mas que pode encontrar terreno fértil nas pesquisas universitárias. Será um desserviço abominável que a universidade terá cometido. Fundamental é que todos os estudantes universitários se transformem em militantes da luta contra a exclusão social no Brasil e no mundo. A essa responsabilidade ética eu acrescento a responsabilidade da participação popular e a responsabilidade com o processo democrático, respeitando a diversidade de uma cultura para a outra, sem impor modelos, como se fosse uma regra intrínseca dentro do DNA dos seres humanos para todas as culturas. Mas é preciso que tenhamos esse valor ético. Como o valor ético da diversidade cultural, que nos permita lutar pela continuidade do processo de internacionalização, mas sem exclusão, sem assassinato de culturas e de etnias.

«Da mesma maneira, é preciso colocar dentro do próprio valor ético a mercantilização do ensino superior. Transformar o ensino superior em mercadoria é o último passo antes de transformar em mercadoria a própria alma. O que está antes da alma e das religiões é o saber de nível superior. Isso não é uma disputa lógica: se a mercantilização do saber é mais ou menos eficiente. Essa é uma questão ética: se o saber deve ser transformado em mercadoria. Não podemos deixar que isso aconteça. E, mais uma vez, tal tema não pode ser restrito a dirigentes universitários. Não podemos deixar essa disputa para o Parlamento ou para instâncias

DISCURSOS DO MINISTRO

governamentais. Este deve ser um valor ético que permeie o conjunto da universidade.

«Depois da responsabilidade estética, com a qualidade, e ética, com os valores, coloco a necessidade da responsabilidade social. A responsabilidade da universidade com determinado tipo de sociedade que queremos criar, a responsabilidade da universidade como instrumento da construção dessa sociedade. Não é possível que a universidade fique alienada da sociedade que queremos construir. Hoje, não estamos totalmente alienados, mas tangenciando o compromisso social. Não é possível, no Brasil — certamente por culpa dos governos ao longo de 500 anos, mas também de nós, universitários —, que 52% das crianças cheguem à quarta série sem saber ler. É claro que a culpa fundamental é dos governos, que até hoje não colocaram a obrigatoriedade de as aulas começarem aos quatro anos de idade. É claro que a culpa é, também, dos salários dos professores do ensino fundamental. Mas é, também, da formação que esses professores recebem. Essa formação vem das faculdades ou das escolas normais, cujos professores passaram pela faculdade. Há conteúdo epistemológico nesse atraso. A universidade tem que se debruçar sobre isso, determinar que essa é uma tarefa tão importante quanto pagar as contas.

«Por que e onde erramos? Por que não demos a contribuição necessária para que nossas crianças aprendam a ler antes dos quatro anos, que saibam as quatro operações? Será que estamos formando a quantidade necessária de professores alfabetizadores de crianças? Será que os métodos são os mais eficientes? Ou será que estamos transformando as escolas em objetos de pesquisas para justificar mestrados e doutorados? Será que nosso compromisso é mais com a tese do que com a criança? Será que não estamos procurando realizar mais a nossa carreira do que a libertação dos povos por meio da educação de nossas crianças?

«São perguntas, não afirmativas. Temos que refletir sobre o papel da universidade no processo da educação básica, do ensino primário ao secundário, do fundamental ao médio. Mas não é só isso. Estamos participando, como deveríamos, da campanha pela abolição do analfabetismo no Brasil? Não estamos. Podemos entrar na história desse País dizendo que a marcha para abolir o analfabetismo em quatro anos — vamos conseguir isso — foi feita à margem da universidade. Isso não vai ser decente para nós, universitários. No século IX, cometemos o erro de deixar passar a luta pela abolição da escravidão à margem das faculdades que existiam na época. Do processo de libertação do povo negro participaram parlamentares, jornalistas e padres. Raríssimos foram os estudantes das

DISCURSOS DO MINISTRO

instituições universitárias. Das universidades não saíram passeatas pela libertação dos escravos. Alguém já ouviu falar de marcha pelas ruas dos estudantes universitários de hoje pela alfabetização de adultos ou pela segunda abolição para erradicar a pobreza nesse País? Lutamos pela democracia, pela Petrobrás, pela democracia outra vez, pelo *impeachment*. Mas não lutamos pelos pobres. Não é só uma luta política.

«O conteúdo de nossos cursos está ajustado às necessidades do povo? Precisamos continuar a luta para que os governos, entre os quais este, a que pertença, atendam às necessidades das universidades no presente. Precisamos, também, que a universidade atenda às necessidades do povo, no presente e no futuro.

«Ou entramos nessa dupla luta — universidade atendendo às necessidades do povo e governos atendendo às necessidades da universidade — ou fracassaremos, os dois. Até porque, em democracia, os governos têm que respeitar a vontade do povo. Se o povo não legitima a universidade, ela terá dificuldade de conseguir recursos. Por mais força que tenha junto a ministros e a governos, por mais *lobby* que faça junto a parlamentares, a universidade, no processo democrático, que não tiver a legitimidade popular não vai conseguir os recursos que precisa. Seria necessária outra ditadura. Os militares prendiam, expulsavam, exilavam e matavam professores e alunos, mas ninguém pode negar que davam dinheiro às universidades. Mas não vamos para outra ditadura a fim de resolver a crise universitária. Vamos casar os interesses dela com os interesses do povo. Dessa forma, o dinheiro vai chegar. Mas para isso temos que mudar os currículos. Precisamos ter estudantes de Medicina mais comprometidos com os problemas do povo do que com os problemas do mercado e das classes abastadas que podem pagar.

«Eu sou firme no discurso contra a mercantilização da universidade, mas, vamos falar francamente: no Brasil, essa mercantilização não já ocorreu? Ou vocês acham que os programas dos nossos departamentos não são organizados de acordo com as necessidades do mercado para pagar mais a nossos ex-alunos? A estrutura de um curso de Medicina no Brasil é montada de acordo com a alma do saber médico ou de acordo com o mercado dos médicos que se formam? Só teremos autoridade para lutar — como eu vou lutar — contra a mercantilização se nos anteciparmos e *desmercantilizarmos* a universidade brasileira. Este é um desafio que passa pela responsabilidade social, pelo compromisso de termos ciência e tecnologia para enfrentar os problemas do povo, não apenas para aumentar a produtividade do sistema econômico. Temos que aumentar a produtividade

DISCURSOS DO MINISTRO

porque esse país não é rico. A renda *per capita* é baixa. Mas produtividade, riqueza e muitos saberes que saem hoje na economia e na engenharia aumentam graças ao desemprego crescente. A expansão agrícola não teria ocorrido sem as universidades, o que é um grande feito para esse país. Essa expansão, porém, não traz grandes características de benefícios diretos aos pobres. Ela traz mais benefícios no aumento dos dólares que o País precisa para manter a economia funcionando, do que benefício direto aos pobres. A universidade precisa se envolver mais nos problemas sociais. No conteúdo e na ação. Não é possível, repito, que ela esteja fora da alfabetização. Em todos os lugares do mundo, quem alfabetizou adultos foram aqueles que sabem ler. E os que sabem ler são, especialmente, os universitários. Será que o único programa de alfabetização será aquele pelo qual pagaremos aos alunos para serem alfabetizadores, como faremos no próximo ano em universidades particulares? Ou não será possível termos um trabalho intenso de voluntariado para abolir o analfabetismo? Pequenos grupos de pessoas de boa vontade existem nas universidades e fazem programas de alfabetização. Algumas universidades têm programas que vão além da boa vontade. Mas um programa de massa, comprometido com prazos para resolver o problema, que chegue ao Brasil inteiro, que dê crédito ao aluno alfabetizador e que até exija isso como parte da formação do jovem, nós não temos. Nem está se discutindo seriamente isso nas universidades do Brasil e do mundo. Não é possível que França, Alemanha, Holanda não se envolvam com a alfabetização na África, na Ásia. Como é possível a Unesco lançar uma campanha mundial como a *Década da Erradicação do Analfabetismo* sem que as universidades do mundo se envolvam?

«Não é tão diferente comparar o estudante europeu, em um mundo global, na alienação em relação aos pobres da África, com o estudante brasileiro na alienação em relação aos pobres do Brasil. Aqui, somos mais culpados porque a pobreza está ao lado. Além disso, temos que lutar contra a exclusão social, contra o *apartheid*. E, insisto, não é uma tarefa apenas de universidades em cada país. Não é um problema só da universidade brasileira. É um problema, sim, da universidade no mundo. É um problema da universidade dos Estados Unidos, é um problema da universidade da Europa. Estamos num mundo global. A responsabilidade tem que ser global. Os estudantes europeus, norte-americanos e australianos não podem deixar de ter, na formação que recebem nas universidades, o sentimento, a responsabilidade e o compromisso com fim da exclusão e do *apartheid* social no mundo inteiro.

DISCURSOS DO MINISTRO

«Mas esse encontro está sendo realizado no Brasil não por acaso. Não por ter um ministro da Educação e um secretário de educação superior dispostos a fazer. Não por ter um presidente da República que reflete uma mudança de rumo. Este encontro está ocorrendo no Brasil — eu falo especialmente para os estrangeiros —, sobretudo, porque este País é o melhor retrato da realidade da civilização de hoje.

«A África tem os problemas, não tem os recursos. A Europa tem os recursos e não tem os problemas. O Brasil é o único dos países maiores que tem todos os problemas da civilização contemporânea e os recursos todos que a civilização oferece. Temos o que há de melhor e pior na civilização. Temos dentro de nós o mesmo grau de desigualdade, chegando a dessemelhança, quando comparamos o pobre de um país com os países europeus. Por isso esse encontro é aqui. Por isso a nossa pretenciosidade de fazer um encontro internacional.

«Até aqui, eu falei da responsabilidade da inteligência, da responsabilidade da universidade com o mundo. Agora falarei da universidade com ela própria. A primeira responsabilidade conosco, é uma responsabilidade histórica. Não deixemos passar o bonde que colocaram diante de nós, da chance de mudar o futuro do Brasil. Não deixemos que daqui a vinte, cinquenta anos constatemos não fomos capazes de oferecer respostas ou de termos feito uma luta política que impediu o caminho ao invés de ajudar. Isso não quer dizer que a universidade deve perder a capacidade crítica de denúncia e de cobrança diante do governo. Eu ficarei muito frustrado se os reitores pararem de reclamar por mais recursos. Se eles derem a entender que tem recurso sobrando, eu vou diminuir o prazo do analfabetismo para dois anos. Tem que denunciar, tem que cobrar, tem que reivindicar. Mas tem também que oferecer rumos, caminhos. Entendemos que essa é uma oportunidade ímpar. Não pelo presidente que temos, apenas. Não pelo partido que está no governo. Mas, porque o Brasil inteiro achou que este era o caminho da mudança. Nós temos que ter e entender a responsabilidade histórica que o destino nos deu de sermos adultos e universitários nos primeiros anos do século XX, com a possibilidade e necessidade de uma mudança de rumos. E com um governo que tem a obrigação de fazer essa mudança. A universidade tem o papel de exigir isso também, quando o ministro da educação não for adiante com os compromissos de mudanças que ele tem obrigação de realizar.

«A outra responsabilidade da universidade com ela própria é na sua estrutura. Aí eu falo mais para a brasileira, mas vale para o resto do mundo. Nós vivemos o momento que há relação entre a universidade e o saber. Universidade e conhecimento, universidade e inteligência; universidade e ciência e tecnologia não é mais a mesma dos primeiros mil anos da nossa história de universidade. Até aqui, a velocidade como conhecimento e a

DISCURSOS DO MINISTRO

ciência avançavam um pouco menos do que a universidade conseguia fazer. A universidade estava na frente. Até com relação à bomba atômica, a universidade formulou os conceitos antes dos governos produzirem as armas nucleares. As teorias vinham antes, saíam de dentro das universidades. Por isso duas coisas aconteciam: nós poderíamos ficar anos estudando o tema, porque sabíamos que depois de fazermos a descoberta, aquilo duraria muitos anos. Segundo, sabíamos que com o diploma que recebêssemos, com o conhecimento que tínhamos, com a bibliografia que usávamos no curso podíamos desempenhar nossas funções durante trinta e cinco anos de vida útil. Hoje, quando terminamos o doutorado, grande parte do que está no livro ou na tese está superado por bibliografias novas. Temos que mudar essa estrutura.

«Terceiro, o que os doutores, médicos, professores e engenheiros que formamos aprenderam, cinco anos depois, em algumas áreas, já não serve mais. A bibliografia já está absolutamente superada.

«Como é então que a gente vai querer que os nossos profissionais fiquem quatro, cinco anos dentro da universidade e depois fiquem trinta ou trinta e cinco anos com o que aprenderam. A universidade tem que mudar a sua estrutura para ficar mais ágil. A universidade do século XXI vai ser permanente. E, ao mesmo tempo, provavelmente, não vai precisar ficar com o profissional quatro anos dentro de sala de aula.

« Peguemos uma área como geografia. Para que ficar quatro anos, se dez anos depois a geografia é outra? A geografia vista como uma ciência permanente, tem uma dinâmica hoje, que obriga uma reciclagem. Isso por que novos blocos de países socioeconômicos se formam a cada dia, montanhas são derrubadas em nome do progresso e novos rios são construídos, como vamos fazer um agora com o São Francisco.

«Outra mudança na responsabilidade da universidade é na estrutura. Não é possível continuarmos prisioneiros da estrutura que os militares criaram em 1968. O mundo mudou radicalmente do ponto de vista político. Hoje, se a gente não quer uma universidade alienada, quer uma universidade envolvida, ela tem que trazer para dentro dela os temas da realidade. Tem que trazer a fome, a energia, o Brasil, a África como tema de estudo. E temas são multidisciplinares. Eles não cabem dentro de um departamento. Não existe departamento de 'fomeólogo'. Nutrição não estuda fome. Medicina não estuda saúde. O estudo da saúde é muito mais complexo. A universidade tem que ser matricial. Tem que ter departamentos e núcleos temáticos que o componham. Isso já existe marginalmente. A UnB criou núcleos há quase 15 anos, tem tido apoio de todos os reitores, não fechou, mas é insignificante no conjunto de professores e alunos. A maioria fica alienada na preocupação com temas da realidade.

DISCURSOS DO MINISTRO

«Se mudamos o tempo de formação, se mudamos a estrutura com a criação de núcleos temáticos, se além disso trouxermos as responsabilidades ética e social, creio que vamos encontrar o caminho que estamos buscando para construir a universidade do século XXI. Essa universidade já está surgindo em algum país, mas não há nenhum outro com mais condições de oferecer essa alternativa do que o nosso Brasil. Uns não precisam mudar e outros não têm como mudar. Nós temos como mudar e temos, também, a necessidade de mudar. A prova é a realização desse encontro aqui.

«Quero concluir fazendo um apelo. Em primeiro lugar, que tenhamos consciência de que esse encontro é o ponto partida de uma revolução mundial da universidade comprometida e responsável a serviço da construção de uma inteligência ética e responsável, para fazermos uma modernidade ética no planeta.

«Segundo, é não nos limitarmos a esse encontro. Daqui tem que sair uma carta ao diretor-geral da Unesco, Koichiro Matsuura, dizendo o que nós refletimos sobre a crise da universidade: da falta de apoio dos governos às universidades. As críticas à mercantilização que a OMC está tentando, mas também uma autocrítica das mudanças que defendemos, que achamos que devam ser feitas.

«Terceiro ponto, gostaria de ver sair daqui uma carta aos jovens universitários do mundo inteiro. São 83 milhões, de acordo com a Unesco. Esses jovens estão em busca de uma mística. De ver a universidade voltar a ser uma aventura. Que os anos que ficarem na universidade sejam marcantes em suas vidas, não apenas pelo que aprenderam, mas pelo caráter que formaram. Pelos compromissos que descobriram; pelo sentimento revolucionário que adquiriram. Para que os jovens do mundo retomem o gosto pela aventura e façam a revolução que o mundo está esperando. Não vou ter a ilusão que no outro dia, graças à internet, vamos ter passeatas no mundo inteiro. Isso é capaz de acontecer agora, mas pode ser que, daqui a vinte anos, alguém se lembre disso quando a crise da universidade chegar ao seu ponto máximo.

«Podemos dizer no futuro que nós aqui em Brasília, neste fim de novembro, cumprimos a nossa obrigação de denunciar que não é mais possível a inteligência se arvorar da neutralidade e que ela tem que ficar responsável.

«Para se ter uma inteligência responsável, é preciso ter também uma universidade responsável. Nós não deixamos passar esse tempo; gritamos que é preciso uma nova universidade. Que sem uma nova universidade o mundo não vai encontrar o seu caminho.

«As universidades corporativas, os centros independentes de pesquisas, as pesquisas nas empresas e nos gabinetes do Exército, essas nunca construirão a utopia. Ou trazemos o debate para dentro das nossas

DISCURSOS DO MINISTRO

casas universitárias, ou vamos descobrir daqui a vinte, trinta anos que o mundo caminhou para a modernidade técnica, excludente e destruidora do meio ambiente. Ainda há tempo. A hora é essa e é possível.

«Se não for possível mudar as universidades do mundo, é possível mudar cada um de nós, para sermos um pouquinho melhor. Lutem para que o mundo fique melhor daqui a alguns anos. Ao final desse encontro, creio que cada um de vocês saia maior por ter refletido sem preconceito e apego ao presente e, sobretudo, por ter lutado por algo maior do que cada um de nós: a possibilidade de uma inteligência e uma universidade responsáveis.

«Só em estar com vocês, saio melhor no meu íntimo. Quero ficar ainda melhor vendo o produto de vocês até o final do seminário. Tenho o privilégio de ter dado a minha contribuição para que esse encontro acontecesse, juntamente com a Unesco, o Banco Mundial e a Secretaria de Educação Superior. Mas espero, ainda, o resultado do encontro. Um grande abraço a cada um e a cada uma de vocês.

Brasília, 25 de novembro de 2003.